

## A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E O COTIDIANO NA CIDADE DE SÃO FELIPE - BA

**Maiara Cerqueira Leandro<sup>1</sup>**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

E-mail: [maiara-sf@hotmail.com](mailto:maiara-sf@hotmail.com)

**Ana Emília de Quadros Ferraz<sup>2</sup>**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

E-mail: [milaferraz@gmail.com](mailto:milaferraz@gmail.com)

### Resumo

O presente estudo tem como objetivo discutir a produção do espaço urbano sob a perspectiva de análise das relações socioespaciais reproduzidas no cotidiano da cidade pequena. Busca-se assim contribuir com a discussão sobre os estudos urbanos contemporâneos e, o desafio que se apresenta nesta pesquisa é mediar aspectos da realidade urbana em São Felipe com os pressupostos teóricos lefebvrianos, pensados em outra dimensão de cidade. Este trabalho é produto de debates, pesquisa empírica e reflexões teóricas abordados na pesquisa de mestrado que tratou, entre outras questões, da (re)produção do espaço na cidade pequena em meio as formas de representação e apropriação das práticas cotidianas. Os procedimentos metodológicos pautaram-se em construção da discussão teórico-metodológica; instrumentos de coleta de dados, com o uso de entrevista semiestruturada e questionários, como procedimentos de observação e apreensão da realidade; mapeamento, organização e sistematização das informações; e, análise dos resultados. Entende-se, assim, que ao nível do cotidiano, as relações sociais de produção e reprodução do espaço se realizam, se conflitam e podem ser reconstruídas. Em São Felipe, nas práticas cotidianas de apropriação do espaço revelam-se os sentidos de como a vida acontece, em meio a espontaneidade, necessidades, conflitos e perspectivas de uma cidade com melhores condições para se viver.

**Palavras-chave:** Cidade pequena; (Re)produção do espaço; Cotidiano; São Felipe-BA.

## THE PRODUCTION OF SPACE AND EVERYDAY LIFE IN THE CITY OF SÃO FELIPE - BA

### Abstract

This study aims to discuss the production of urban space from the perspective of analysis of sociospatial relations reproduced in the daily life of the small town. Thus we seek to contribute to the discussion about contemporary urban studies and, the challenge presented in this research is to mediate aspects of urban reality in São Felipe with the lefebvrian theoretical assumptions, thought of in another dimension of the city. This work is the product of debates, empirical research and theoretical reflections addressed in the master's research that dealt, among other issues, with the (re) production of space in the small city amidst the forms of representation and appropriation of daily practices. The methodological procedures were based on the construction of the theoretical-methodological discussion; instruments for data collection, using semi-structured interviews and questionnaires, such as procedures for observing and apprehending reality; mapping, organization and systematization of information; and, analysis of the results. It is understood, therefore, that at

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

<sup>2</sup> Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

the level of daily life, the social relations of production and reproduction of space are realized, conflict and can be reconstructed. In São Felipe, in the daily practices of space appropriation, the meanings of how life happens, amid spontaneity, needs, conflicts and perspectives of a city with better conditions to live.

**Keywords:** Smalltown; (Re)productionofspace; Everyday; São Felipe - BA.

## **LA PRODUCCIÓN DEL ESPACIO Y LA VIDA DIARIA EN LA CIUDAD DE SÃO FELIPE - BA**

### **Resumen**

Este estudio tiene como objetivo discutir la producción del espacio urbano desde la perspectiva de analizar las relaciones socioespaciales reproducidas en la vida cotidiana de la pequeña ciudad. De esta manera, buscamos contribuir a la discusión sobre los estudios urbanos contemporáneos y, el desafío presentado en esta investigación es mediar aspectos de la realidad urbana en São Felipe con los supuestos teóricos de Lefebvrian, pensados en otra dimensión de la ciudad. Este trabajo es producto de debates, investigaciones empíricas y reflexiones teóricas abordadas en la investigación del máster que trató, entre otros temas, con la (re) producción de espacio en la pequeña ciudad en medio de las formas de representación y apropiación de las prácticas cotidianas. Los procedimientos metodológicos se basaron en la construcción de la discusión teórico-metodológica; instrumentos para la recolección de datos, usando entrevistas y cuestionarios semiestructurados, como procedimientos para observar y aprehender la realidad; mapeo, organización y sistematización de la información; y, análisis de los resultados. Se entiende, por lo tanto, que a nivel de la vida cotidiana, las relaciones sociales de producción y reproducción del espacio se realizan, entran en conflicto y pueden reconstruirse. En São Felipe, en las prácticas diarias de apropiación del espacio, los significados de cómo ocurre la vida, en medio de la espontaneidad, las necesidades, los conflictos y las perspectivas de una ciudad con mejores condiciones para vivir.

**Palabras-clave:** Pequeña ciudad; (Re) producción de espacio; Diario; São Felipe - BA.

### **Introdução**

Ao propor reflexões sobre a produção do espaço urbano devem-se considerar as relações sociais que são estabelecidas em seu cotidiano, capazes de revelar as dinâmicas espaciais, seus conflitos e contradições reproduzidos socialmente. Destaca-se, assim, a importância do estudo da (re)produção do espaço da cidade com vista para as contradições e possibilidades que se apresentam em meio às práticas cotidianas, as quais realizam-se no espaço vivido, mediadas por representações e práticas espaciais influenciadas por novas relações espaço-tempo de apropriação da cidade, que lhes são impostas normativa e/ou subversivamente pelas mudanças de uso do espaço. De acordo com Lefebvre (2008) e Carlos (2008), a produção do espaço é mediada por um lado estratégico e político, e é na vida cotidiana que as contradições se manifestam mais profundamente.

No que se refere à teoria sobre a produção do espaço e da sociedade urbana em Henri Lefebvre, percebe-se a importância que tem suas proposições para a compreensão da

realidade e das transformações da sociedade ao longo das relações espaço-tempo. Suas ideias permanecem atuais e são de fundamental importância para o campo de análise da ciência geográfica, na medida em que as abordagens filosóficas se apresentam como possibilidade para pensar a realidade empírica do espaço social além das formas espaciais enquanto materialidades separadas dos conteúdos, dos sujeitos e suas relações.

A realização do urbano nas cidades pequenas apresenta contradições e particularidades que se complementam e/ou dissociam-se como reprodução espacial, marcada pelo processo de (re)produção das relações sociais que se realizam no espaço vivido, capaz de revelar as diferenças tanto estruturais quanto conjunturais, influenciadas pelas dinâmicas sociais presentes em cada tipologia de cidade. No caso da cidade pequena, as mudanças decorrentes do processo de urbanização acontecem de forma diferenciada, sobretudo, por apresentar uma “[...] dimensão espacial específica” e “[...] uma totalidade particular que a anima e a movimenta por meio de processos capitalistas de produção [...]” (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013, p. 17).

Nesse sentido, a cidade de São Felipe, presente na problemática da pesquisa como o nível de análise da realidade, contribui com o estudo de novos elementos de interpretação da dinâmica reprodutiva do espaço da cidade pequena. A cidade, considerada como um tipo específico de espacialidade e construção histórica, produzida pelas relações humanas como meio e condição para a reprodução das práticas cotidianas materializadas no espaço. E, ao mesmo tempo, influenciada pelo modo de produção capitalista imerso em todas as formas de apropriação e dominação do espaço urbano, na própria cotidianidade (nos lazeres, nas atividades culturais, na escola, no trabalho, ou seja, no espaço inteiro), resultado de contradições e conflitos que se materializam no espaço (LEFEBVRE, 2008).

No contexto de São Felipe, infere-se acerca da realidade de uma cidade pequena que deve ser pensada em sua complexidade, considerando as relações entre forma-conteúdo com particularidades que lhes são próprias, sem desconsiderar a influência com outras cidades como parte do processo de produção diante das novas relações espaço-tempo e mudanças na dinâmica urbana contemporânea. Destaca-se, assim, a importância de realizar interpretações sobre a produção do espaço com aprofundamento das discussões sobre a cidade e o cotidiano, suas transformações e tendências para compreensão da realidade.

Os procedimentos metodológicos utilizados pautaram-se em leituras e fichamentos sobre o debate da produção do espaço, aspectos do cotidiano da cidade pequena e suas contradições em meio ao processo de reprodução das relações sociais. Referenciadas com base em autores como Lefebvre (2013; 1999; 1991) que contribui com o estudo das relações de produção do espaço urbano, o cotidiano e suas transformações na dimensão do vivido; Lacombe (2008) e as ambiguidades presentes nas práticas cotidianas; Carlos (2008; 2007) e as relações de produção e reprodução no/do espaço-tempo; Sposito e Jurado da Silva (2013) que apontam perspectivas teóricas para compreensão das transformações socioespaciais nas cidades pequenas; entre outros.

Durante a pesquisa teoria e empiria caminharam juntas, pois buscou-se considerar a história e a materialidade das relações espaciais urbanas. Com destaque para o levantamento das práticas espaciais, distintas formas de apropriação do cotidiano, suas contradições e particularidades presentes no processo de produção do espaço da cidade, sempre levando-se em consideração as bases teóricas estabelecidas para as análises. Como instrumentos de pesquisa para coleta de dados foram aplicadas quatro entrevistas semiestruturadas divididas entre os bairros estudados e o quantitativo de 100 questionários qualiquantitativos.

O levantamento de dados no campo se deu por meio da amostra selecionada com alguns critérios de seleção para melhor atender os objetivos da pesquisa. Foram aplicados entrevistas e questionários aos sujeitos residentes no Centro da cidade e nos Bairros da Urbis, Laranjeira e Jurema (considerados nesta pesquisa os espaços com características segmentadas espacialmente, representados por aquilo que lhes faltam e que sofrem representações estigmatizadas). Para tanto, foi-se em busca dessas pessoas em seus domicílios (dividido em 50% para cada área, ou seja, 50 questionários no Centro e 50 questionários aplicados entre o Bairro Urbis, Loteamento Laranjeira e Jurema).

Portanto, o objetivo deste trabalho é discutir a produção do espaço sob a perspectiva de análise das relações socioespaciais reproduzidas no cotidiano da cidade pequena, com foco em São Felipe – BA. Além desta introdução e das considerações finais este artigo está dividido em duas partes. O primeiro tópico apresenta uma abordagem teórica conceitual com reflexões acerca da produção do espaço urbano em São Felipe e, no segundo, busca-se pensar as relações socioespaciais reproduzidas ao nível do cotidiano.

## **A produção do espaço urbano de São Felipe**

Entender o espaço urbano e seu movimento de produção é condição essencial para a compreensão das transformações que ocorrem na sociedade. Com base nas proposições teóricas sobre a produção do espaço de Henri Lefebvre (2013), busca-se refletir a respeito da produção do espaço da cidade de São Felipe e suas práticas cotidianas em meio aos conflitos que se imbricam no espaço vivido, elementos indispensáveis para a compreensão das relações sociais de produção e reprodução do espaço.

Parte-se, assim, do entendimento da cidade como produto social historicamente reproduzido pelas relações socioespaciais, interação das práticas espaciais com o processo de centralidade e espacialização das formas materializadas. É o espaço “prático-sensível” conforme Lefebvre (2013), mediação da práxis ressignificada por um conjunto de relações e conteúdos sociais. Simultaneamente, é uma estrutura social e material. Desse modo, é importante considerar a historicidade das atividades sociais, a articulação entre tempos históricos (o passado, o presente e o possível) como possibilidade de compreensão do real sem deixar de considerar a virtualidade do movimento de “transdução” (reflexão sobre o objeto possível) (LEFEBVRE, 1999). Como consequência desse modo de ver e pensar o espaço da cidade busca-se contextualizar São Felipe.

Segundo dados do IBGE (1958), São Felipe começa a se formar em 1678, com a ocupação das terras pelos primeiros colonizadores, os irmãos Tiago e Felipe Dias Gato, parentes próximos de Bartolomeu Gato, renomado fazendeiro de Maragogipe. Em função das plantações cultivadas e da concentração de pessoas que começaram a ocupar essa região, deu-se início a construção das primeiras moradias que deram origem ao povoado, e em 1681 foi edificada uma capela sob a invocação dos apóstolos São Felipe e São Tiago que se tornaram padroeiros dessa localidade.

Desde então, devido ao cultivo de lavouras de mandioca, fumo, cana-de-açúcar etc., o pequeno povoado passou a ser chamado de São Felipe das Roças, haja vista que a atividade fundamental à sua economia sempre girou em torno da agricultura, com destaque para a plantação de mandioca. Posteriormente, essa localidade foi denominada São Felipe

das Cabeceiras. Talvez, a referência ocorra devido à proximidade com as cabeceiras do Rio Copioba (IBGE, 1958)<sup>3</sup>.

Como parte da freguesia de Maragogipe, criada em 1698, São Felipe foi crescendo até que foi elevada à freguesia em setembro de 1718, sob o governo de D. João V. A elevação à categoria de vila se deu com base na Lei nº 1.952, em 29 de maio de 1880, com a criação do município São Felipe, desmembrado de Maragogipe. Por conseguinte, a sede do município de São Felipe foi elevada à categoria de cidade, fato que ocorreu em 30 de março de 1938. Administrativamente, São Felipe era composta pelos distritos Dom Macedo Costa, São Felipe (sede) e Caraípe, conforme Lei nº 628 de 30 de dezembro de 1953 (IBGE, 1958). Contudo, atualmente, apenas a Vila Caraípe permanece como distrito de São Felipe.

A cidade de São Felipe se expandiu em torno da Igreja Matriz, historicamente representada como o espaço inicial do processo de formação da cidade e onde se constitui o Centro. Esse processo não é exclusivo de São Felipe. Como afirma Deffontaines, (2004, p. 132), “[...] a cidade nascente é essencialmente uma igreja e uma praça. A igreja serve de lugar de atração a toda a população, muito ligada, a uma religião de cerimônia e de rituais [...]”.

Desse modo, conforme Sobarzo (2004, p. 32), no início da formação das cidades e da vida “urbana” brasileira, a Igreja teve significativa importância para a concentração social ao seu entrono, principalmente por representar a edificação de maior destaque no período colonial, além de exercer função intermediária para o “[...] acesso às terras do povoado, pelo menos até o momento da instauração da autonomia municipal com a criação da vila”. Todavia,

Esse papel de destaque foi diminuindo com o passar do tempo e o processo de secularização consolidou-se no século XIX. A secularização entendida como a perda relativa da importância de instâncias religiosas no conhecimento e na vida social, é típica da Modernidade, fundamentada na razão e na ciência. Essas mudanças não podem ser analisadas sem considerar a transformação capitalista (SOBARZO, 2004, p. 34-35).

---

<sup>3</sup> Este não é assunto central neste trabalho, assim, não será dirimida essa dúvida.

Contudo, mesmo diante das estratégias ampliadas de reprodução do capital, que modificam as práticas espaciais nas diferentes tipologias de cidades, verifica-se que, nas cidades pequenas, a exemplo de São Felipe, a representação religiosa ainda mantém forte relação com a produção do espaço urbano.

Além disso, se se considerar o nome histórico da cidade, esse representa uma homenagem a um dos padroeiros (São Filipe). Tal fato pode ser compreendido pela análise de Deffontaines (2004), haja vista que era comum à nomenclatura das cidades mais antigas a algum nome religioso ou de santo, assim como, atualmente, cidades e, principalmente, praças levam a representação espacial do nome de personagens políticos e seus fundadores.

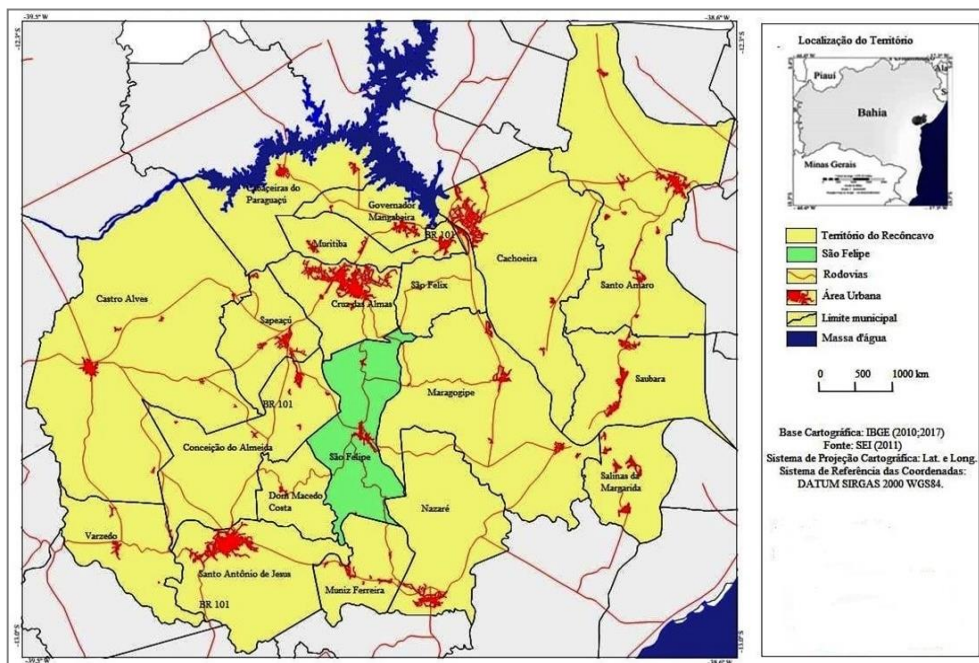
São Felipe localiza-se no Território de Identidade Recôncavo do Estado da Bahia (Mapa 1)<sup>4</sup>. Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), o município tinha uma população de 20.305 habitantes em 2010 e, em 2019, a população estimada pelo instituto foi de 21.074 pessoas. Com população urbana de 9.820 pessoas (9.517 residentes na sede) e a população rural com 10.485 habitantes. Se analisados estes dados demográficos – cidade com menos de dez mil habitantes e a população rural predominante – em conjunto com conteúdos sociais e funções desempenhadas pela cidade, tornam-se elementos importantes para compreensão da dinâmica das relações de urbanidade em São Felipe.

**Mapa 1.** Localização de São Felipe no Território de Identidade Recôncavo, Bahia, 2019

---

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que não concordamos com essa nomenclatura “Território de Identidade” usada pelo Governo do Estado como proposta de regionalização. Utilizou-se apenas como recurso para destacar a localização de São Felipe. É importante ressaltar que essa forma de divisão territorial é uma imposição, que implica relações de poder e interesses bem definidos, principalmente econômicos. Entretanto, a adoção do termo “identidade” abre espaço para alguns questionamentos: identidade de quê, para quem e como se representa? Afinal, é praticamente impossível representar a “identidade” de um território tão amplo e com particularidades diversas.





Fonte: Elaborado com base nos dados da SEI (2011).

Em contraposição às tendências do processo de urbanização vivenciado no Brasil nos últimos anos, a concentração populacional nas áreas rurais de São Felipe ainda é predominante com relação à população urbana. Isso é um fato, por mais que a população rural venha decrescendo desde a década de 1940 até 2010, conforme a (Tabela 1).

Tabela 1. População total, rural, urbana e taxa de urbanização São Felipe, Bahia, 1940-2010

Período	População total	População rural	População urbana <sup>1</sup>	Taxa de urbanização <sup>2</sup> (%)
1940	25.917	24.131	1.786	6,89
1950	25.343	23.502	1.841	7,26
1960	24.681	22.345	2.336	9,46
1970	19.205	15.524	3.681	19,17
1980	18.680	13.663	5.017	26,86
1991	20.107	13.201	6.906	34,35
2000	20.228	11.978	8.250	40,79
2010	20.305	10.485	9.820	48,36

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010).

Notas: 1- São inclusas as pessoas que vivem nas sedes de outros distritos e povoados;

2 - Percentual da população urbana sobre a total.



Verifica-se que o crescimento da população urbana de São Felipe é contínuo, enquanto há perda demográfica no campo. As áreas rurais apresentam decréscimo contínuo da população desde a década de 1940, quando contava com 24.131 habitantes e em 2010, a população do campo computou 10.485 pessoas. Tal fato pode estar relacionado ao processo de urbanização que começava a se inserir no país, principalmente a partir da década de 1960. Conforme os dados da Tabela 1, a contar desta década, há uma redução da população rural de São Felipe de forma mais intensificada. Conseqüentemente, as taxas de urbanização a partir da década de 1970, também, começam a apresentar um crescimento mais elevado, atingindo 48,36% em 2010.

Todavia, observa-se que na década de 1970 o município de São Felipe apresenta uma redução elevada de sua população total, de 24.681 habitantes correspondentes a década de 1960, passou para 19.205 habitantes em 1970. Aponta-se como caso específico de São Felipe, que esse fator pode estar relacionado, também, ao desmembramento de seu antigo Distrito Dom Macedo Costa, que foi elevado à categoria de município, pela Lei Estadual nº 1652, de 04 de abril de 1962.

Segundo Melo (2008, p. 183), o movimento de saída da população do campo para a cidade e de pequenas cidades para médias e grandes, em todo o país se intensifica na segunda metade do século XX, principalmente nos anos de 1970 e 1980. Entretanto, esse processo de perda populacional nos municípios de pequeno porte “[...] foi mais expressivo na população rural e, sua explicação não se dissocia das mudanças ocorridas na sociedade, economia, política, cultura, bem como nos espaços urbanos e rurais”. Pode-se comprovar essa afirmação com a realidade apresentada no município de São Felipe (Tabela 1), no período de 1940 a 2010, a população rural obteve redução de, aproximadamente, 56,55%, em 1940 apresentava população rural de 24.131 habitantes, em 2010, a população correspondente foi de 10.485 pessoas.

Essa realidade expressa as contradições do processo de urbanização capitalista em expansão no espaço contemporâneo e as cidades pequenas, dentro desse contexto, também passam a assumir novas formas em seu processo de produção.

Desde o início da constituição da cidade de São Felipe as formas espaciais apresentam uma dimensão mais compacta na sua morfologia urbana, que passou a ser moldada com a inserção dos grupos sociais no espaço como expressão da centralidade que passa a reunir igreja, praça, relações de encontro e de trocas comerciais a serem

consolidadas como centro urbano. Nesse contexto, cabe pensar a produção do espaço da cidade conforme suas descontinuidades “(o aparecimento do novo, o fim do antigo)” e continuidades “(o movimento profundo que continua)”, as quais coexistem de forma relacional na medida em que as transformações espaciais contêm permanências e resistências sempre em movimento (LEFEBVRE, 1995, p. 239).

No decorrer do processo histórico de formação socioespacial, São Felipe passou por algumas transformações quanto às relações de produção e (re)produção do espaço expressas, sobretudo, na morfologia urbana. Ao considerar a leitura lefebvriana sobre o processo de “implosão-explosão” da cidade (LEFEBVRE, 1999), considera-se que as relações estabelecidas em São Felipe estariam mais ligadas ao processo de “implosão” na medida em que a cidade apresenta-se em movimento de concentração e consolidação de seu Centro, com a produção de novos espaços, sobretudo, residenciais e de pequeno comércio ou serviços.

O centro urbano de São Felipe era formado, basicamente, pela presença da igreja, casarões, casas de palhas, ruas estreitas e pequenos comércios. Todavia, no decorrer do processo de produção espaço-tempo às relações socioespaciais começam a passar por algumas transformações. Como afirma o entrevistado, empresário na cidade e possuidor de duas das maiores lojas de móveis em São Felipe há mais de quarenta e três anos: “quando cheguei para aqui até uma casa para alugar era muito difícil, tinha muita casa de palha ainda [...] mas desenvolveu bastante né, hoje, já tem! O comércio, a cidade se desenvolveu. Não tá no topo como era para estar, mas desenvolveu bastante nesses períodos que estou aqui” (Entrevistado R.S, morador da cidade de São Felipe, entrevista realizada em 04 de outubro de 2019).

Considero como centro, essa parte principal aqui hoje. Praça da Matriz, Praça Carlos Moura, Praça Cônego José Lourenço, Rua Góes Calmon que é a nossa aqui [...] e Rua Dom Macêdo Costa que é tido como centro né?! Mas, hoje, São Felipe quase tudo é centro porque tudo é perto, não é como Salvador que tem grandes bairros longe [...] Hoje já temos também aqui alguns bairros já longe, no caso é o Bairro Mariano e, o bairro cá em cima pro Sobradinho, é um pouco longe, mas tudo em São Felipe é perto na realidade (Entrevistado R.L, morador da cidade de São Felipe, entrevista realizada no dia 04 de outubro de 2019).

Por sua vez, a cidade é a forma que permite a centralidade urbana como expressão dos movimentos de reprodução da vida, uma interação entre a ordem distante – mediada pelo modo de produção capitalista e, a ordem próxima – lugar dos acontecimentos experienciados pelos indivíduos (LEFEBVRE, 2008).

Conforme Lefebvre (2008, p. 85), “a centralidade tem seu movimento dialético específico. Ela se impõe. Não existe realidade urbana sem centro, quer se trate do centro comercial (que reúne produtos e coisas), do centro simbólico (que reúne significações e as torna simultâneas), centro de informação e de decisão [...]”. Por conseguinte, percebe-se que, no caso de uma cidade pequena como São Felipe, o centro urbano é representado pela área central, onde se concentra mutuamente o centro de valor comercial, simbólico (lazer), de informação e de decisão pela atuação política.

Segundo Carlos (2008, p. 158), “[...] ao longo do processo de reprodução urbana os usos se redefinem, transformando a fisionomia da cidade e o cotidiano das pessoas”. Desse modo, verifica-se que, na cidade de São Felipe, as mudanças sociais e de estruturas urbanas podem ser percebidas de forma menos expressiva no que se refere às transformações na morfologia urbana. Pode-se perceber tal relação face o relato de uma das entrevistadas, senhora de 67 anos de idade, ao ser questionada se a cidade de São Felipe está mudando e em quais aspectos, fez a seguinte afirmação:

[...] Não vejo assim crescendo, não vejo ter novidades, outras coisas assim para dizer agora vai pra frente [...] o comércio mesmo, cresceu um pouco. Mas outras coisas assim [...] a prefeitura mesmo, que eu passei em frente outro dia que fui para o médico, aí passei assim olhando, e falei, mas é verdade, olha quando isso aqui foi feito e como está ainda, ainda né! Quer dizer, são coisas que a gente espera ir para frente e não vai, só pra trás! [...] Então eu não vejo progresso, em dizer que tem progresso aqui, não tem! (Entrevistada A.P, moradora da cidade de São Felipe, entrevista realizada em 30 de abril de 2019).

Observa-se que as transformações socioespaciais realizadas na cidade de São Felipe apresentam características residuais e são evidenciadas na forma como os sujeitos sociais se relacionam com o espaço. Ao refletir sobre o relato dessa moradora, percebe-se um discurso marcado por representações de elementos subjetivos e de valoração simbólica que perpassa o conhecimento das vivências no espaço-tempo, bem como o desejo por

aquilo que está impregnado com a criação das novas necessidades apontadas como “símbolos do moderno”, elementos do urbano que traduzam a ideia de “progresso”.

De acordo com Carlos (2007, p. 56), “[...] a morfologia urbana não revela a gênese do espaço, mas aparece como um caminho seguro para a análise do modo como passado e presente se fundem nas formas, revelando as possibilidades abertas no presente”. Uma vez que é na morfologia que se encontra as marcas daquilo que resiste e daquilo que traz a marca da transformação socioespacial (CARLOS, 2007).

### **O cotidiano na cidade de São Felipe e suas necessidades**

Aponta-se a pesquisa sobre o cotidiano como possibilidade para análise crítica da realidade estudada, por permitir uma leitura das práticas de apropriação e suas transformações no espaço vivido. Sem desconsiderar que, ao nível do cotidiano, também se gestam as contradições do espaço movidas pela programação da vida cotidiana, especificamente, porque “[...] toda a racionalidade econômica e política pesam sobre o cotidiano, enquanto vivido” (DAMIANI, 2001, p. 52). Assim, “[...] a estratégia que visa a programação do cotidiano é global; é uma estratégia de classe. Desse plano, da sua realização, alguns se beneficiam; os outros, a maioria, o suportam mais ou menos” (LEFEBVRE, 1991, p. 203).

Com base no entendimento de Lefebvre (1991), o cotidiano se compõe de repetições em sua banalidade quanto à produção e reprodução das relações sociais no espaço. Movimento das atividades criadoras, produtoras de objetos e de obras, dos sentidos e programações impostas à vida cotidiana dos homens simples. Assim, o cotidiano revela tanto o lugar de reprodução dos sujeitos sociais e sua espontaneidade nas ações práticas, quanto à dominação do espaço pelas imposições do modo de produção capitalista, a cotidianidade programada pela “sociedade burocrática de consumo dirigido” (sociedade que programa o cotidiano das pessoas para o consumo) (LEFEBVRE, 2008, p. 46). Desse modo, “[...] o cotidiano torna-se objeto de todos os cuidados (domínio da organização, espaço-tempo da auto-regulação voluntária e planejada) [...]” (LEFEBVRE, 1991, p. 82).

Parte-se, assim, do estudo do cotidiano como possibilidade para compreensão do espaço vivido. Na medida em que ao nível do cotidiano “[...] se formulam os problemas concretos da produção em sentido amplo: a maneira como é produzida a existência social

dos seres humanos, com as transições da escassez para abundância e do precioso para a depreciação” (LEFEBVRE, 1991, p. 30).

Segundo Lefebvre (1991, p. 19), o conceito de cotidianidade nasce da reflexão filosófica sobre a “não-filosofia”. Haja vista que, “[...] não vem do cotidiano nem o reflete: ele exprime antes de tudo a transformação do cotidiano vista como possível em nome da filosofia”. É nesse sentido que o cotidiano se apresenta como signo do moderno. O cotidiano construído na dimensão do vivido pelas práticas banais dos lugares comuns e insignificantes aparentemente. E, tem-se a noção de moderno como representação, uma espécie de programação da vida em sociedade. “Ao cotidiano, conjunto do insignificante (concentrado pelo conceito), responde e corresponde o moderno, conjunto dos signos pelos quais essa sociedade se significa, se justifica, e que faz parte da sua ideologia” (LEFEBVRE, 1991, p. 30).

Nesse contexto, entender o cotidiano implica desvendar a ambiguidade dos conteúdos sociais que se realizam na dimensão do vivido. Segundo Lacombe (2008), a noção de ambiguidade tal qual Lefebvre discute, se constitui em situações sociais vividas em função das contradições e conflitos profundos que não são percebidos enquanto tais.

[...]. A ambigüidade é uma situação social, dada no interior de um grupo, em que o indivíduo adota uma certa indiferença em relação às contradições e conflitos, percebidos como meras diferenças. [...] é uma situação complexa em que as contradições e as oposições virtuais não se resolvem e as possibilidades não se realizam. Enquanto situação social, a ambigüidade nunca é percebida enquanto aquilo que ela é. Pelo contrário, ele é vivida num vai e vêm entre os pólos opostos da situação porque o agente tergiversa evitando o ato de escolha. Por isso a ambigüidade, enquanto situação social, impede o ato da decisão e se marca pela atenuação do drama, porque a escolha e a própria exigência da escolha estão escondidas nas atitudes ambíguas dos indivíduos [...]. Se o cotidiano está permeado e cheio de ambigüidades, como afirma Lefebvre (1961), ele passa a se caracterizar por esta situação em que os seus conflitos profundos, suas contradições e suas tensões estão reduzidos, escondidos e dissimulados. Assim, é essa situação que dá ao cotidiano o seu caráter de obscuridade que deve ser desfeito no estudo crítico da cotidianidade. O contraponto dialético da ambigüidade é a decisão e a exigência de decisão, de escolha, de julgamento e de ação (LACOMBE, 2008, p. 166).

Para o autor, a produção do cotidiano envolve uma complexidade de elementos experienciados por meio do vivido e do viver mediante a ambiguidade da existência, o

drama e as confrontações entre o real e o possível. Desse modo, é inevitável a contradição e os conflitos entre o vivido que “[...] se define na experiência, muitas vezes dolorosas da vida como ela é [...]” e o viver, que “[...] se define na experiência, às vezes carregada do sentimento de frustração, da constatação da vida como ela poderia ser, ou seja, do quanto ela poderia ser diferente” (LACOMBE, 2008, p. 165).

Com base em Lefebvre (1991), as pessoas vivem conforme as condições de reprodução social que lhes são possíveis e/ou impossíveis ao nível do cotidiano. Como esclarece o autor, as pessoas “[...] vivem bem ou mal. É no cotidiano que elas ganham ou deixam de ganhar sua vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre. Aqui e agora” (LEFEBVRE, 1991, p.27).

O discurso da Entrevistada A.P, senhora de 67 anos, moradora de um dos bairros carentes na cidade de São Felipe, apresenta alguns elementos do modo como as pessoas lutam para ganhar a vida em seu cotidiano.

Eu estudei em Salvador. Eu morei lá até meus 24 a 25 anos [...]. Fiz o ginásio, trabalhei e depois vim para aqui [...]. Ensinei até me aposentar. Naquele tempo se aposentava com 25 anos, eu me aposentei com 26 anos de trabalho. Criei meus filhos, casei eles [...] foi assim a vida [...]. Graças a Deus foi uma vida, não digo boa, mas também não foi mal, foi mais ou menos! Lutei, casei, fiquei viúva [...] criei meus filhos todos, tão todos criados graças a Deus! Hoje, o mais novo tem 36 anos, que é o caçula que mora comigo ainda [...] e assim foi a vida [...] (Entrevistada A.P, moradora do Bairro da Jurema em São Felipe, entrevista realizada em 30 de abril de 2019).

Ao perguntá-la a respeito dos principais problemas que a família enfrenta no dia-a-dia, a entrevistada afirma a dificuldade de obter trabalho, principalmente para os jovens recém-formados no ensino médio que não encontram outras oportunidades para aperfeiçoamento dos estudos e capacitação profissional na cidade.

Trabalho. Eu acho que aqui a necessidade de trabalho é muito grande, os jovens ficam assim, por exemplo: estuda um pouquinho, muitos chegam até o segundo grau, que antigamente não tinha [...] mas aí como não tem trabalho, não tem como investir para ele crescer, ele deixa ou sai para trabalhar [...]. Mas a gente vê a necessidade dele caminhar para frente, se desenvolver, continuar alguma coisa, prosseguir [...]. E a gente vê essa necessidade, desejando ter quem assuma e quem faça esse papell



(Entrevistada A.P, moradora do Bairro da Jurema em São Felipe, entrevista realizada em 30 de abril de 2019).

Em seu relato associa esta questão de limitações quanto às condições de desenvolvimento social na cidade à forma como o poder público municipal atua ou deixa de atuar conforme sua omissão as reais necessidades da população. A entrevistada complementa:

Aqui falta muita coisa. Hoje em dia, falta um prefeito enérgico, que possa ajudar o povo e querer que o povo ajude também. Caminhar com o povo e que o povo caminhe também com ele [...]. Eu ainda acho muito atrasado aqui, muito atrasado! Fulano se elege, ciclano se elege, mas não tem assim aquele desejo de ver seguir para frente, vê andar mesmo, não vê! [...] Vê sempre a minoria é que a gente vê um pouquinho de acontecimento [...]. Mas vê assim, aqui fez tal coisa, uma novidade, chegou uma coisa, um cargo pros jovens, uma coisa assim que tenha interesse em crescer a cidade, eu não acho não que aqui tenha assim interesse de crescer [...] (Entrevistada A.P, moradora do Bairro da Jurema em São Felipe, entrevista realizada em 30 de abril de 2019).

Sobarzo (2004, p. 57) corrobora com o esclarecimento dessa perspectiva de entendimento da entrevistada a respeito da atuação do poder público, ao apontar que “[...] a idéia do poder municipal como zelador dos interesses coletivos deve ser assumida como um ideal não cumprido ou, pelo menos, não cumprido totalmente”. Especialmente porque, conforme o autor, a ação do poder municipal, de maneira geral, manifesta uma mistura de interesses públicos e privados que têm ligação com interesses próprios do prefeito ou interesses de grupos locais dominantes.

Ao questionar se a cidade oferece opções de emprego, dos 100 entrevistados, 89% afirmaram que não. Quanto às justificativas a respeito dessa questão, os moradores destacaram como uma das maiores dificuldades encontradas no cotidiano, além de ressaltar essa condição como fator que contribui para a saída de pessoas para outras cidades, como exemplifica os seguintes relatos: “Falta muito, uma das maiores dificuldades [...]. Sem oportunidades de emprego, o que contribui para o deslocamento das pessoas para outra cidade para estudar, trabalhar [...]” (Entrevistada S.P, moradora do Centro, questionário aplicado em 15 de abril de 2019); “Aqui é muito difícil achar trabalho, meus filhos mesmo tiveram que ir pra fora” (Entrevistada A.P, moradora do Bairro da Jurema, entrevista realizada em 30 de abril de 2019). “Nenhuma. Aqui não tem oportunidade nenhuma, ou

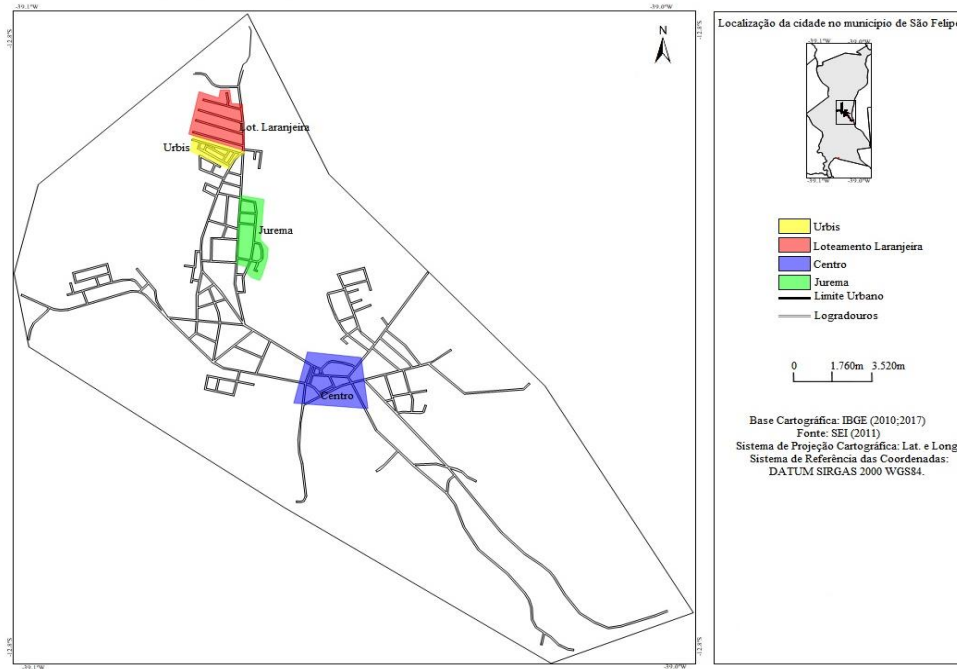
você faz seu negócio ou não tem nada” (Entrevistada C.S, moradora do Bairro da Urbis, questionário aplicado em 29 de abril de 2019).

Dos 11% que afirmaram ter opções de emprego, ressaltam que “encontra, mas não com facilidade [...]” (Entrevistado D.C, moradora do Centro, questionário aplicado em 16 de abril de 2019.); “O mínimo possível. Quando alguém abre um comércio só coloca a família, ninguém coloca outro de fora [...]” (Entrevistada L.B, moradora do Centro, questionário aplicado em 16 de abril de 2019).

Diante dos fatos, verifica-se que, no contexto da rede urbana do Recôncavo Baiano, São Felipe mantém certa relação de dependência e acessibilidade facilitada à cidade de Santo Antônio de Jesus, sobretudo, devido à busca por serviços especializados de saúde, educação e melhores condições de emprego. Conforme apontam os dados da pesquisa de campo, do total de entrevistados, 52% afirmam utilizar serviços médicos em outra cidade; desses, 35% recorrem à cidade de Santo Antônio de Jesus. Outro dado que denota a relação de São Felipe com outras cidades se revela na afirmação de 57% do total de entrevistados que asseguraram ter o desejo de morar em outra cidade em busca de melhores oportunidades, principalmente, de emprego. Desses, 23% gostariam de morar em Santo Antônio de Jesus e 17% afirmaram ter o desejo de morar em Salvador, enquanto os outros 17%, relatam outras cidades, especificamente, relacionadas ao natalício, para onde nutrem o desejo de retornar.

Ao relacionar as condições de ocupação e atividades realizadas pelos moradores de São Felipe, verifica-se que 62% da população não possuem rendimento fixo e nem dispõe de garantia dos direitos trabalhistas, além de receber valores inferiores a um salário mínimo (foram inseridos nesse perfil todos os entrevistados que disseram desempenhar atividades de diaristas ligadas ao trabalho doméstico, revendedoras de cosméticos, manicure, ajudante de pedreiro, feirantes, empacotador em supermercado, costureira e aqueles que afirmaram viver de “bicos” por não estar trabalhando no momento). Esse fator se torna mais expressivo quando comparado à realidade vivenciada pelos moradores dos bairros segmentados espacialmente na cidade, especialmente a Urbis, Laranjeira e Jurema (Mapa 2).

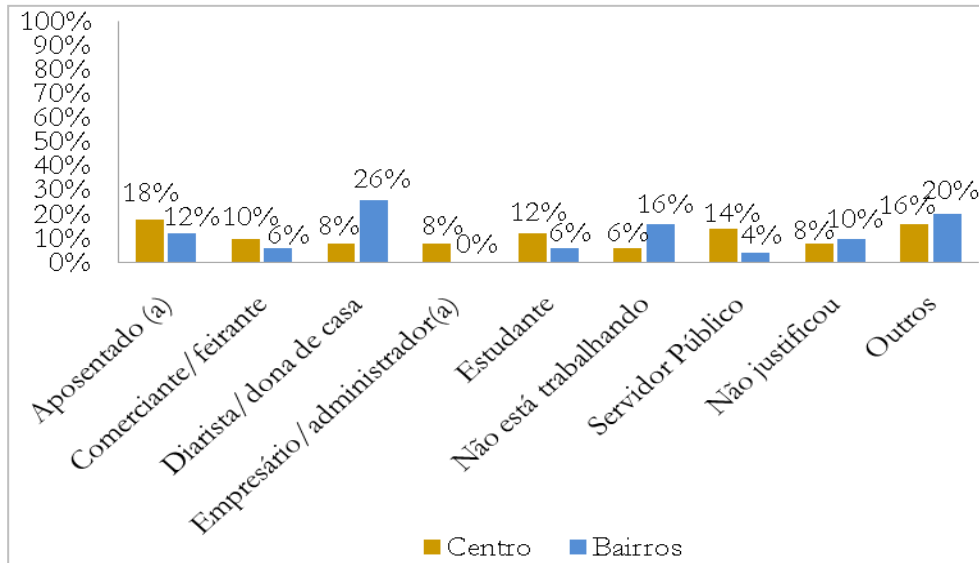
**Mapa 2.** Localização das áreas de estudo, Centro, Urbis, Laranjeira e Jurema, São Felipe, Bahia, 2020



**Fonte:** Base Cartográfica IBGE (2010; 2017).

Com base nos dados da pesquisa de campo, no Gráfico 1 são destacados alguns tipos de ocupações desenvolvidas pelos entrevistados.

**Gráfico 1.** Atividades ocupacionais realizadas pelos entrevistados, por local de residência, em percentual, São Felipe, Bahia, 2019



**Fonte:** Pesquisa de campo, 2019.

Nas atividades relacionadas pelos entrevistados, entre a população do sexo feminino, a que se destaca é o emprego doméstico (26%) de modo especial entre as residentes nos Bairros da Urbis, Laranjeira e Jurema. Todavia, nenhuma delas afirmou ter carteira assinada. Geralmente, são diaristas e enquadram-se nesse perfil também aquelas que disseram cuidar dos afazeres domésticos na sua própria casa. Em meio às dificuldades de sobrevivência e manutenção da casa, essa atividade de doméstica/diarista é que mantém o sustento de muitas famílias chefiadas por mulheres, como revela a fala da entrevistada: “Eu trabalho de diarista aqui mesmo na cidade, não ganha muito dinheiro não, mas a gente compra uma cesta básica e vai passando o mês [...] vai vivendo do jeito que Deus quer” (Entrevistada S.S, moradora da Laranjeira, entrevista realizada em 30 de abril de 2019).

Os valores relacionados ao perfil “outros” apresenta expressividade por englobar diferentes atividades, sobretudo aquelas relacionadas a empregados no comércio local como operador de caixa e empacotador em supermercados, recepcionista, revendedores de cosméticos, manicure, ajudantes de pedreiro, mecânico, barbeiro etc. Os servidores públicos afirmaram ser professores, auxiliares de serviços gerais, técnico de informática, gari, motorista e fiscal na feira livre; destes, a maioria exerce cargos comissionados pela Prefeitura. Por sua vez, os aposentados também compõem número expressivo, 18% são responsáveis pela manutenção da renda domiciliar dos moradores do Centro e 12% dos Bairros da Urbis, Laranjeira e Jurema.

Os dados revelam que muitos dos trabalhadores se encontram em situação precária de ocupação (“bicos”), especialmente aqueles que afirmaram não estar desenvolvendo nenhum tipo de ocupação no momento. Por sua vez, alguns moradores residentes nos Bairros da Urbis, Jurema e Laranjeira alegaram encontrar ainda mais dificuldades para obter emprego na cidade, sobretudo por questões de representações espaciais que se criam no imaginário social a respeito das pessoas residentes nesses bairros. Verifica-se essa questão no depoimento da entrevistada,

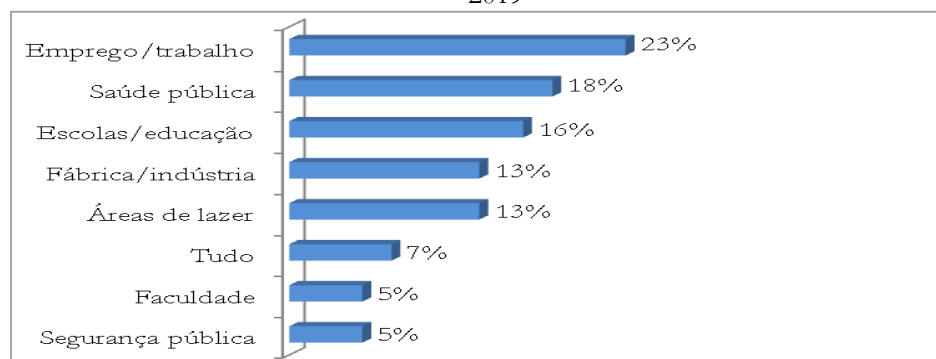
Tem muita discriminação com a gente aqui. Ninguém quer dá trabalho a nós [...]. Teve um dia que fui arrumar trabalho na casa de uma senhora para fazer faxina, aí quando ela me perguntou onde eu morava, respondi que morava na Urbis. E ela não aceitou mais o meu serviço [...] (Entrevistada M.P, moradora do Bairro Urbis, questionário aplicado em 29 de abril de 2019).

O relato da entrevistada corrobora com a reflexão apontada por Gamalho (2009, p. 113), pela qual essa forma de representação estigmatizada a propósito dos moradores dos espaços mais carentes na cidade é significada em função da “estratificação socioespacial”, que limita espaços e sujeitos. Assim, “[...] o lugar do pobre está posto no olhar do outro, na sensação de que o sujeito pode sair do lugar, mas que o lugar não sai do sujeito”. Logo, as representações possuem suas intencionalidades, são permeadas por um conjunto de práticas e ideologias que dissimulam a realidade vivenciada pelos diferentes grupos sociais.

Nesse contexto, o estudo sobre a reprodução do cotidiano na cidade de São Felipe em meio ao processo de segmentação social dos espaços mais carentes envolve uma complexidade de elementos que devem ser interpretados, para além das representações espaciais estigmatizadas que permeiam o senso comum. É preciso apreender o cotidiano revelado pelos moradores em meio às práticas sociais de luta pela reprodução da vida, capazes de revelar as contradições quanto às formas de apropriação da cidade, onde os indivíduos se reconhecem no espaço e estabelecem relações de satisfação e insatisfação quanto ao atendimento de suas necessidades cotidianas. Como ressalta Lefebvre (1991, p. 87), “[...] a satisfação e a insatisfação andam lado a lado, se afrontam segundo os lugares e as pessoas. O conflito não aparece sempre, nem é dito. Evita-se falar dele e torná-lo manifesto. Mas ele está aí, constante, latente, implícito [...]”.

Com base nos dados da pesquisa de campo, ao questionar os entrevistados sobre o que falta na cidade de São Felipe, entre os diversos elementos apontados pelos moradores, agrupou-se no Gráfico 2 as principais necessidades destacadas em suas falas.

**Gráfico 2.** Principais necessidades apontadas pelos entrevistados, em percentual, São Felipe, Bahia, 2019



**Fonte:** Pesquisa de campo, 2019

Observa-se que as necessidades de emprego/trabalho e sua associação à ausência de fábrica/indústrias se destacam entre as falas dos entrevistados, respectivamente, 23% e 13% das respostas. Seguidas do acesso à saúde pública (18%), escolas/educação e faculdade (21%) e áreas de lazer (13%) como principais necessidades cotidianas de uso coletivo para os moradores de São Felipe.

Quanto à avaliação dos serviços de saúde oferecidos pelo hospital municipal, os entrevistados ressaltaram insatisfação quanto ao atendimento prestado. 40% justificaram o atendimento como ruim e precário; 22% disseram ter atendimento, mas precisa melhorar; 15% classificaram como regular; 10% como bom; outros 10% não justificaram e 3% afirmaram ser ótimo. Entre as principais problemáticas apontadas pelos entrevistados quanto a esse serviço, destaca-se a falta de médicos, sobretudo especialistas em determinadas áreas, demora na espera de atendimento e falta de estrutura adequada.

Cabe ressaltar alguns relatos quanto à precarização desse serviço. Para os entrevistados, o funcionamento do hospital atende apenas primeiros socorros e procedimentos básicos, e falta atendimento mais humanizado por parte dos funcionários. “Na verdade, é um posto de saúde com leito. Não age como hospital [...]” (Entrevistado M.C, morador do Centro, entrevista realizada em 29 de abril de 2019); “Tem. Mas não tem médicos especialistas, e pela demora de atendimento é capaz de morrer um e não ser atendido” (Entrevistada L.O, morador do Centro, questionário aplicado em 05 de maio de 2019); “Só mesmo para emergência. Não tem nada, não consigo marcar nada. Só vou mesmo para tomar injeção para coluna, só por isso mesmo” (Entrevistada I.R, moradora da Centro, questionário aplicado em 05 de maio de 2019); “Péssimo atendimento, profissionais egoístas e muita espera no atendimento, deixando muito a desejar no fator saúde” (Entrevistada S.P, moradora do Centro, questionário aplicado em 15 de abril de 2019); “O atendimento até tem, agora o profissional precisa ter uma estrutura melhor [...]. Às vezes, não tem um medicamento, uma toalha na maca” (Entrevistada R.R, moradora da Jurema, questionário aplicado em 30 de abril de 2019). Mesmo aqueles que avaliaram o serviço como bom ou ótimo, também, ressaltaram a necessidade de melhorias.

No que se refere ao oferecimento do serviço de educação em São Felipe, dos entrevistados, 21% afirmaram ser esta uma das principais necessidades na cidade. Em suas falas relacionam o termo educação no geral, ao abranger a necessidade de escolas, creches e faculdades que possibilitem aos indivíduos oportunidades de estudo com qualidade e



acesso a novos cursos para continuidade no processo formativo, acadêmico e profissional. Como se pode verificar no discurso de alguns dos entrevistados: “Tem educação, mas precisa de investimentos em melhorias das escolas e oferta de cursos [...]” (Entrevistada P.S, moradora do Centro, questionário aplicado em 03 de maio de 2019); “Tem escolas, mas deveria ter mais creches para colocar as crianças” (Entrevistada C.S, moradora da Urbis, questionário aplicado em 29 de abril de 2019); “Poderia ter mais cursos, um curso técnico, uma faculdade, essas coisas assim [...]” (Entrevistada I.R, moradora do Centro, questionário aplicado em 05 de maio de 2019).

Por sua vez, ao questionar os moradores de São Felipe se há opções de lazer na cidade, 81% dos entrevistados afirmaram não ter espaços para a prática do lazer. Segundo os entrevistados, os únicos espaços de lazer que têm são a praça, os barzinhos e a igreja, como destaca esse morador: “o lazer o que oferece mais são os barzinhos, a praça que é muito aconchegante, principalmente, à noite [...] agora tem ginásio de esportes, mas também não tô vendo tanto [...], os únicos espaços de lazer que nós temos é basicamente a praça, as igrejas, esses lugares assim [...]” (Entrevistado R.L, morador do Centro, entrevista realizada em 04 de outubro de 2019).

Diante dos fatos, os dados apresentados possibilitaram a apreensão de alguns aspectos do modo como a cidade de São Felipe se reproduz em meio às condições de vida da população em seu cotidiano, sobretudo aquelas ligadas às formas de ocupações e acesso a serviços de uso coletivos como saúde, educação e espaços de lazer. As quais são diretamente influenciadas pelas formas de atuação do poder político local, suas ações ou omissões frente às contradições socioespaciais na cidade, que se entrelaçam entre interesses públicos e privados.

### **Considerações finais**

A realização desta pesquisa foi relevante para a reflexão de alguns aspectos ligados ao cotidiano da cidade pequena, e contribui com o estudo sobre a produção do espaço urbano em São Felipe, ainda carente de pesquisas nesse sentido. Por sua vez, a correlação de pressupostos teóricos e análise empírica foram fundamentais para a construção do conhecimento crítico a respeito da realidade estudada.

Diante dos fatos analisados a propósito da produção do espaço em São Felipe, constata-se que a cidade (como um todo) é carente em serviços e equipamentos de uso coletivo como saúde, educação, infraestrutura, opções de lazer e de acesso ao mercado de trabalho, sendo estas necessidades básicas apontadas pelos entrevistados como condição de dificuldades enfrentadas no dia-a-dia para a manutenção da vida. Por sua vez, nos Bairros da Urbis, Laranjeira e Jurema essas condições são mais precárias, além da ausência desses serviços, os moradores convivem com formas de representações estigmatizadas a respeito das pessoas e de sua localização nesses espaços de moradia.

Verificou-se, com base em Lefebvre (1991) e Lacombe (2008), que a pesquisa sobre o cotidiano envolve uma complexidade de elementos, sobretudo por estar ligada às práticas cotidianas permeadas pela ambiguidade dos conteúdos sociais, as situações vividas em função das contradições e conflitos que nem sempre são percebidos. Significa dizer que muitos dos conflitos e contradições vivenciados no cotidiano pelos diferentes grupos sociais, na maioria das vezes, são naturalizados socialmente e permanecem na obscuridade, daí a importância da análise crítica do cotidiano que não se resume apenas às atividades repetitivas e banais do dia-a-dia.

Por fim, deve-se apreender que o processo de produção do espaço das cidades é algo complexo, envolve diferentes perspectivas e deve ser analisado de acordo com a realidade estudada. Ao pensar São Felipe, a intenção desse trabalho foi relacionar aspectos das condições de vida dos moradores em meio ao processo de produção do espaço urbano, os quais contribuíram para o entendimento das relações socioespaciais reproduzidas no cotidiano da cidade em meio às particularidades, necessidades, conflitos e lutas pelo direito à vida urbana com melhores condições para se viver.

## **Referências**

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

DAMIANI, Amélia Luísa. As contradições do espaço: da lógica (formal) à (lógica) dialética, a propósito do Espaço. *In*: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F; ODETTE, S. (Org.). **Espaço no fim de século**: a nova raridade. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 48-61.

DEFFONTAINES, Pierre. (1938). Como se constitui no Brasil a rede de cidades. **Cidades**. Presidente Prudente, v. 1, n. 1, p. 119-146, jan.-jun. 2004.

DOM MACEDO COSTA. Lei Estadual nº 1652, de 04 de abril de 1962. Emancipação política do município. **Diário Oficial do Município**, Câmara Municipal de Dom Macedo Costa, 1962.

GAMALHO, Nola Patrícia. **A produção da periferia**: das representações do espaço ao espaço de representação no Bairro Restinga. 2009. 159 folha. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292870>, acesso em: 23 de agosto de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1940**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1950**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1960**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1970**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1980**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1991**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sidra**: Banco de dados sobre Censo Demográfico, 2000. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 de agosto de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, RJ, 1958, p. 304-310.

- LACOMBE, Marcelo S. Masset. Os fundamentos marxistas de uma sociologia do cotidiano. **RevistaOutubro**. Ed. 17. Jun. 2008. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-17-Artigo-05.pdf>. Acesso em: 24 de novembro de 2019.
- LEFEBVRE, Henri. (1974). **La producción de espacio**. Trad. Emilio Martínez Gutiérrez. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.
- LEFEBVRE, Henri. **España e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal, lógica dialética**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- LEFEBVRE, Henri. (1968). **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática. 1991.
- MELO, Nágela Aparecida de. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO): análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas**. 2008. 527 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.
- SOBARZO, Oscar Alfredo. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**. 2004. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. São Paulo, 2004.
- SPOSITO, Eliseu Savério; JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. **Cidades pequenas: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais**. Jundiaí: Paco Editorial: 2013.

Submetido em: março de 2020.

Aceito em: junho de 2020.